

SBAT

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA A LICENÇA DA G.D. TEX-
TO. A LICENÇA DE ESTÁGIO
SUSCITA A NOVA AUTORIZAÇÃO

RESERVANTES NO R. G. SUA

Obras de PLÍNIO MARCOS

na GLOBAL

- 1 Jornada de um imbecil até ao entandimento
- 2 O abeijo lílís
- 3 Uma reportagem maldita (quarô)
- 4 Direção para um pé-de-chinelo
- 5 Dois perdidos numa noite suja
- 6 Quando as máquinas param
- 7 Navalha na carne
- 8 Na barra do catimbô
- 9 Histórias das quebradas do mundaréu
- 10 Na aldeia do desconsolo
- 11 Novas histórias da barra do catimbô
- 12 Homens de papel



GD



PLÍNIO MARCOS

HOMENS DE PAPEL

(TEATRO)



PLÍNIO MARCOS

HOMENS DE PAPEL
(TEATRO)



4

Copyright © 1978
GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.

Capa: **BENÉ OLIVIER**

Nº de Catálogo – 1108

Direitos Reservados Por
GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.
Rua José Antonio Coelho, 814
Cep 04011 – São Paulo – SP – Tel. 549-3137

Composto na
**FONTE SISTEMA DE COMPOSIÇÃO E ARTES
GRÁFICAS LTDA.**
Rua Tabapuã, 953
Cep 04533 – São Paulo – SP

Impresso na
EDITORA PARMA LTDA.
Rua da Várzea, 394
São Paulo – SP

HOMENS DE PAPEL

PEÇA EM DOIS ATOS

personagens:

Berrão

Chicão

Tião

Maria-Vai

Pelado

Noca

Bichado

Poquinha

Giló

Coco

Nhanha

Frido

Gá

PRIMEIRO ATO

(Ao abrir o pano, Giló, Tião, Maria-Vai, Chicão, Coco, Pelado e Noca estão diante de Berrão, que traz um revólver na cinta e uma balança de gancho na mão. Cada um dos catadores de papel arrastam sacos cheios de papel.)

Berrão — Avança o primeiro.

(Giló aproxima-se.)

Giló — Apanhei três sacos.

Berrão — E daí? O peso é que interessa.

Giló — Estão bem cheinhos.

Berrão — A balança é que vai dizer.

Giló — Nos três sacos, um pelo outro, deve ter uns trinta quilos.

Berrão — Vamos ver. *(Pesa o primeiro saco.)*
Três quilos.

Giló — Só?!

Berrão — Só por que?

Giló — Não foi mole arrastar os sacos até aqui.

Berrão — É que tu tá podre. Pensa que cachaça sustenta? Tem que comer às vezes.

Giló — Não bebo.

Berrão — Come com farinha. (*Pesa o segundo saco.*) Dois e meio.

Giló — Tá marcando mais.

Berrão — Estou vendo. Não sou cego.

Giló — Então não é dois e meio.

Berrão — Aqui a gente sempre arredonda.

Giló — Pra menos.

Berrão — É!

Giló — Mas tá dando quase três.

Berrão — Dois e meio, e fim. Se não estiver contente, vai vender em outra parte. (*Pesa o terceiro saco.*) Também dois e meio.

Giló — Poxa, Seu Berrão. Olha aí. Falta só um pouco pra três quilos.

Berrão — Será que toda a mão vou ter que explicar o negócio do arredonda?

Giló — Não ... É ...

Berrão — Então não torra as minhas idéias. Se começar a me aporrinhar, te risco da lista.

Giló — Me desculpe, falei por falar.

Berrão — Veja lá. Em boca fechada não entra mosquito. Deu oito quilos bem pesa-

dos. Duzentos mangos por quilo, dá um conto e seiscentos. Desconta a gasolina do caminhão, a minha parte e os institutos, tenho que te dar seiscentos mil réis.

Giló — Sempre foi meio a meio.

Berrão — Até ontem. Agora a gasolina subiu. Se não quiser fazer acerto comigo, leva direto pra fábrica. Mas já vou avisando, e é bom que todo mundo escute. Tenho um arreglo com os caras lá da fábrica. Dou sempre um come-quieto pro sujeito que compra o papel. Se falar pra ele pra não comprar de alguém, ele não compra mesmo. Assim, me cubro das sacanagens. Agora, sua cabeça é seu guia. Quer ir lá vender, vai.

Giló — Não. Sempre fiz acerto com o senhor.

Berrão — Então pega o tutu e cai fora. Já enjoei da tua fuça.

(*Giló pega o dinheiro e três sacos vazios e se afasta.*)

Berrão — Vem outro.

(*Aproxima-se Chicão.*)

Chicão — Só dois.

Berrão — Pombas! Ninguém quer mais nada?

Chicão — Foi noite ruim.

Berrão — Sei! Tu ficou em algum boteco enchendo a caveira de pinga. Isso que foi.

Chicão — Foi noite ruim pra todo mundo. Pode perguntar pro povo.

Maria-Vai — Foi ruim mesmo, Seu Berrão.

Pelado — Parece até que alguém catou antes da gente.

Noca — Nós, que é de catar cinco, catou só dois.

Tião — Acho até que deu uma dor de barriga de lascar e a gentarada usou todo o papel.
(*Todos riem.*)

Berrão — (*Bravo*) Ei, que folga é essa?
(*Silêncio imediato.*)

Berrão — Quero respeito aqui. Não sou nenhum moleque pra escutar gracinha. Quem se fizer de besta comigo, já viu! Sou muito legal. Agora, quando me esquento, viro bicho.

Chicão — É que não deu mesmo pra catar mais. Se desse, a gente catava. No duro que parece que alguém catou antes de nós.

Berrão — Catou uma pinóia! Tu e essa gente são tudo uns vadios.

Chicão — Vadio, não!

Berrão — Vadio, sim! E tu é o pior! Mas, estou de olho em ti. Dá uma sopa pro azar e tu vê. Acerto teu passo. (*PAUSA*) Quero ver amanhã, se tu me aparece só com dois sacos. (*Pesa os sacos de Chicão.*) O

primeiro tem quilo e meio e o segundo tem dois.

Chicão — Mas eu passei na venda do Seu Quim, antes de vir pra cá. Deu cinco quilos.

Berrão — (*Atira os sacos na cara de Chicão.*) Tá aí! Vai vender pro Seu Quim.

Chicão — Ele não compra.

Berrão — Então se dane.

(*Chicão fica parado, olhando Berrão.*)

Berrão — Cai fora, anda!

Chicão — Compra aí, Seu Berrão. Estou duro.

Berrão — Aqui é três quilos.

Chicão — Três e meio, o senhor falou.

Berrão — Falei três.

Chicão — Escutei bem. O senhor disse três e meio.

Berrão — Falei três, e não vou pesar de novo só pra tirar a sua cisma.

Chicão — Todo mundo ouviu o senhor falar três e meio.

Maria-Vai — Eu não escutei nada.

Tião — Eu estou por fora.

Pelado — Negócio dos outros, não quero nem saber.

Noca — É melhor, se a gente mete a butuca vão dizer que a gente tá secando.

Berrão — Mas tu ouviu eu falar três, não ouviu, Noca?

Chicão — Foi três e meio que ele falou, não foi?

- Noca** — Disse três. Só falei o que escutei e porque fui perguntada.
- Berrão** — É três mesmo. Pega a grana e te arranca. (*Chicão pega o dinheiro e os dois sacos vazios e se afasta.*)
- Berrão** — Anda, tu, Baiano Coco da Peste.
- Coco** — Tá aí. (*Apresenta meio saco.*)
- Berrão** — Eta raça ruim! Meio saco! (*Arranca o saco da mão de Coco e o joga junto com os outros.*) Isso não vale a pena nem pesar. Cai fora! Não vou pagar nada por isso, não!
- Coco** — Tem coisa minha aí. (*Vai pegar o saco.*)
- Berrão** — Ei, que tu quer aí? Tira a pata desse saco.
- Coco** — Só vou apanhar uma coisa.
- Berrão** — Pega logo e se afasta dos sacos. Não quero ver ninguém aí. (*Coco retira uma boneca quebrada de dentro do saco.*)
- Berrão** — Que porcaria é essa?
- Coco** — Uma bonequinha. (*Todos riem.*)
- Berrão** — Pra que tu quer essa droga?
- Coco** — Pra mim.
- Berrão** — Vai brincar com boneca, agora? (*Todos riem.*)
- Berrão** — Por isso que esse país não vai pra fren-

- te. Ninguém quer saber de nada com o pesado. Esse puta marmanjo deu agora pra brincar com boneca. (*Todos riem.*)
- Berrão** — É o fim da picada. Vem outro! (*Aproximam-se Maria-Vai e Tião.*)
- Berrão** — Pra que vem em dois? Tu sai de lado. Deixa tua mulher cuidar das coisas. Ela entende melhor do que tu.
- Tião** — Fica os dois. Os dois que catou.
- Maria-Vai** — Te arranca, Tião. Seu Berrão já falou.
- Tião** — Cala a boca, mulher. Sei o que faço.
- Berrão** — (*Empurra Tião pra longe.*) Deixa só ela aqui! Tem medo que eu cante tua mulher?
- Maria-Vai** — Onda dele, Seu Berrão. Ele não é de nada. (*Tião afasta-se triste.*)
- Berrão** — (*pesando os sacos.*) Tudo junto dá seis quilos.
- Maria-Vai** — Pouco.
- Berrão** — Quer ir na fábrica conferir, como no outro dia?
- Maria-Vai** — (*sem jeito*) Vou.
- Berrão** — Então tu vai. Tião, tua mulher não confia na balança. Diz que estou roubando. Pra tirar a cisma dela, vou levar ela comigo lá na fábrica.

Tião — Eu vou junto.

Berrão — Tu não vai a parte nenhuma.

Tião — Então a Maria também não vai.

Maria-Vai — Vou! Quero saber o certo. —

Tião — Não vai.

Maria-Vai — Vou! Tu não me manda.

Tião — Não vai!

Berrão — Ela vai! Se ela não for, te tiro o ponto. Não vou querer lidar com gente que acha que eu estou metendo a mão. Pombas! Hoje que estou de boa lua, que vou dar uma colher de chá para ela ir saber lá na fábrica como é o macete, tu vai se invocar? Ela vai. Se tu espernear, te tomo o ponto e dou pra outro.

Maria-Vai — Deixa de ser chato, Tião.
(*Tião afasta-se, triste.*)

Berrão — Tu fica lá junto dos sacos.
(*Maria-Vai fica perto da pilha de sacos.*)

Berrão — Anda, gente. Vamos logo com essa zorra!
(*Noca aproxima-se e Pelado vai para junto dos outros.*)

Berrão — Dois sacos. (*Pesa.*) Cinco quilos.

Noca — Vai levar a perebenta pra conferir?

Berrão — Tu vai amanhã.

Noca — Deus me livre! Tu quer passar doença dessa vaca pra mim?

Berrão — Dor de corno, bichinha!
(*Noca pega o dinheiro e vai pra junto de Pelado.*)

Berrão — Quem está faltando?

Maria-Vai — O Bichado e a Poquinha.

Berrão — Que merda! Sempre se espera pelos mais jogado-fora. Será que aqueles dois não sabem que não estou aqui pra perder tempo? Têm a noite inteira pra se virar, mas ficam dormindo. Daí se atrasam. Também, tem um negócio. Se me chegarem aqui com as mãos vazias, vão entrar bem. Não compro nada. (*PAUSA. Berrão anda nervosamente de um lado pra outro. O pessoal está agachado. Todos em silêncio. Chicão, sem que Berrão perceba, aproxima-se de Tião.*)

Chicão — Tu vai deixar ele levar outra vez tua mulher?

Tião — É só pra conferir.

Chicão — Tu vai engolir isso?

Tião — É bom alguém daqui ir conferir.

Chicão — Então por que ele não te leva? Porque tu é feio que nem a peste. Leva a Maria, que é fêmea.

Tião — Que tu quer dizer com isso?

Chicão — Que ele vai se servir às custas da tua mu-

lher. Teu chifre vai crescer um pouco mais.

Tião — Filho-da-puta!

Chicão — Banca o homem pra cima do Berrão.

Tião — Tu me dá nojo.

Chicão — E tua mulher? Essa vaca sem-vergonha que te passa pra trás na tua cara?

Tião — Ela também me paga.

Chicão — Papo furado.

Tião — Ninguém vai perder por esperar.

Chicão — Tu não é de nada. Quem tem que fazer o azar faz na hora. Esse negócio de ficar nas encolhas é negócio de trouxa.

Tião — O bom cabrito não berra.

Chicão — O chifre, tu já tem. Só que em vez de cabrito parece um bode.

Tião — Te arranca daqui! Vai dar palpite na vida da peste que te pariu!

Chicão — Não precisa azedar. Só estou querendo te dar uma mão.

Tião — Que mão! Tu só sabe me azucrinar.

Chicão — Quem azucrína sua vida não sou eu, não. É tua mulher mais esse Berrão. Ele que te desgraça. É ele. E não é só contigo que o merda se invoca. É com todo o mundo. Vive sacaneando a gente.

Tião — Se não é só comigo, tá aí. Por que ninguém estrila?

(PAUSA. Chicão sente a aproximação de Berrão, disfarça. Quando Berrão se afasta, Chicão volta a falar.)

Chicão — Esse cara há de morrer leproso.

Tião — Gente ruim não morre.

Chicão — Tu podia acabar com ele.

Tião — Não viu a razão pendurada na barriga dele?

Chicão — É . . . Ele é a lei. Pau mais forte.

Tião — Não adianta a gente apitar. Temos que esperar a volta.

Chicão — Nós devíamos armar um chaveco pra ele.

Tião — Não dá.

Chicão — Podemos forçar a barra.

Tião — É bobagem. O Berrão é uma parada federal.

Chicão — Como tá, não tá direito.

Berrão — E esses desgraçados não chegam. Quero ser mico de circo se não pegar de pau esse Bichado.

Maria-Vai — Deixa eles no ora-veja. Vamos nós.

Berrão — Se tu mais essa corja não fossem uns vagabundos, podia ir. Mas, como vou aparecer lá na fábrica com esse pingo de papel? Os caras vão cair no meu pelo. Essa porcaria não paga nem a gasolina.

Mas, esses dois vão ter um acerto comigo. Pode botar fé.

(Berrão continua a andar nervosamente de um lado para outro.)

Chicão — Tu escutou?

Tião — A Maria tá assanhada, né? Mas, quando ela voltar, tu vai ver. Arrebento essa vaca.

Chicão — Psiu! *(Pausa)* Não falei da Maria, não. Tu não escutou o Berrão se queixar que é pouco papel?

Tião — E daí? O miserável sempre quer mais.

Chicão — E é aí que ele pode cair do burro.

Tião — Não sei porquê.

Chicão — Sei eu. É só a gente encostar o corpo, ele entra em pua. Se ninguém catar papel pra ele, quero ver o que o sacana vai dizer na fábrica.

Tião — Precisava ser todo mundo junto nessa jogada.

Chicão — Claro!

(Pausa. Os dois pensam.)

Tião — Tu já falou com os outros?

Chicão — Ainda não. Mas, se a gente fala, eles embarcam nessa canoa. Pode crer. Todo mundo tem bronca desse Berrão.

Tião — Isso é mesmo. Fala com o pessoal, se

eles entrarem no arrocho, eu também entro.

Chicão — Não. Tem que ser tu o cara a levantar a lebre.

Tião — É idéia tua.

Chicão — Poxa, mas tu tem mais papo que eu.

Tião — Te manjo. Tu sabe enrolar. Fala com os outros. Daí me avisa.

Chicão — Tem que ter a tua força.

Tião — Vai ter. Mas, só depois que estiverem todos bem papeados.

Chicão — Tu tá com medo!

Tião — Claro. Como tu.

Chicão — Eu estou firme.

Tião — E quer tirar o lolô da seringa?

Chicão — Eu, não! Eu não falei com tu?

Tião — Então fala com os outros.

Chicão — Mas, que é isso? Se abre com eles. Tu sempre esteve na boa com esse povo. Já de mim, tem cara que estranha.

Tião — O lance é teu. Te vira.

Chicão — Meu, não. De todos.

Tião — Mas tu é o pai da criança.

Chicão — Mas, tu tem mais motivo que eu de querer ferrar o Berrão.

Tião — Não sei porquê. Ele mete a mão no teu bolso como no meu.

- Chicão — Mas ele passa a tua mulher nas armas.
 Tião — Corta esse papo.
 Chicão — Mas não é?
 Tião — Isso é comigo. Tu não te mete.
 Chicão — Então vai lá e dá uma chifrada nele.
 Tião — Filho-da-puta! Eu te arrebento!
(Tião pula em Chicão.)
 Noca — Brigal
 Pelado — Deixa brigar!
 Coco — Dá-lhe! Dá-lhe!
 Giló — Quem puder mais chora menos.
 Berrão — É só os dois. Ninguém se mete.
(Entre vaías e risos, os dois homens ro- lam pelo chão.)
 Maria-Vai — Dá-lhe, Tião! Dá nele, Tião!
(Chicão leva a melhor e vai estrangulan- do Tião.)
 Tião — *(sufocando)* Ai... Ai...
 Chicão — Geme, corno manso!
 Tião — Me larga... Me larga... Ele me... mata... Me... ajuda...
 Pelado — Ninguém se mete.
 Maria-Vai — Ele vai matar o Tião. Não deixa, seu Berrão. Não deixal
 Chicão — Esse sacana vai se acabar aqui.
 Berrão — *(Dá um pé no peito de Chicão e o joga longe.)* Mixoul
 Chicão — Ele quis. Deixa comigo!

- Berrão — Mixou, já disse! Se quiser encrenca, é pra mim agora. *(Puxa o revólver.)* Vai querer?
 Tião — *(levantando-se, gemendo)* Vai ter forra. Pode contar!
 Chicão — A hora que tu quiser.
 Maria-Vai — Por que tu não apertou os bagos dele? Ele se entregava.
 Tião — Deixa ele. Eu ferro esse miserável.
 Chicão — Estou aqui mesmo.
 Berrão — Já mandei acabar esse assunto. Já estou de ovo virado porque aqueles dois não aparecem. Se me torram o saco, acerto um.
(Pausa)
 Maria-Vai — Por que tu se grudou com ele?
 Tião — Ainda pergunta, sua vaca?
 Maria-Vai — Eu que pago o pato?
 Tião — Foi por tua causa. Se tu não fosse tão galinha, eu não tinha que escutar de- saforo.
 Maria-Vai — Mas que é isso? Que é que eu fiz?
 Tião — Não tem nada que ir na fábrica.
 Maria-Vai — Só vou lá conferir o peso.
 Tião — Mas todo mundo fica falando que o Berrão te passa na cara.
 Maria-Vai — O Chicão falou isso?
 Tião — Foi.

Maria-Vai — Filho-da-puta! Nojentol! Vai provar!
(*Para Chicão.*) Que tu tem que se meter
na minha vida, seu lazarento?

Chicão — Me deixa, mulher!

Maria-Vai — Cavalol! Não sabe arrumar mulher no
papo, fica costurando a vida delas.

Chicão — Cala a boca!

Maria-Vai — Tu vai provar o que disse de mim.

Chicão — Que foi?

Maria-Vai — Que o Berrão se trata comigo.

Chicão — Vai à merda! Todo mundo sabe disso.

Maria-Vai — O senhor escutou isso, seu Berrão?

Berrão — (*que está um pouco afastado*) Mas,
pombas, o que é agora?

Maria-Vai — Esse desgraçado falou que o senhor me
leva no caminhão pra dormir comigo.

Berrão — Tu disse isso?

Chicão — Eu, não!

Maria-Vai — Disse, sim! Agora não dá pra trás.

Chicão — Falei nada, não.

Maria-Vai — Por que o Tião se pegou com tu?

Berrão — Foi por isso, Tião?

Tião — Foi.

Berrão — (*puxando o revólver*) Canalha! Que tu
quer me aprontar? O quê? Te meto uma
bala na testa, seu sacana de merda! Que
tu quer comigo? Diz! (*Pausa*) Tu não é
bravo? Então, diz! O que quer comigo?

Chicão — Nada, não.

Maria-Vai — Nojentol! Na hora de provar, afina.

Berrão — Vou te dar um castigo! (*Dá vários tapas
na cara de Chicão, joga-o no chão e lhe
dá pontapés.*) Quer mais? Diz! Quer
mais?

Chicão — Não! Por favor, chega!

Maria-Vai — Eu sei por que ele se mete na minha vida.
Quis chamego comigo e eu não me arre-
glei com ele. É isso. Só pode ser isso.

Chicão — Eu, não! Eu nunca te cantei.

Berrão — Porco, sem-vergonha! Dando em cima de
mulher que já tem homem. (*Dá mais uns
pontapés em Chicão.*)

Tião — Essa eu não sabia. Mas fica na conta. Vai
ter acerto.

Berrão — Eu devia te tomar o ponto.

Chicão — A rua é livre. Eu cato papel onde quiser.

Berrão — E limpa o rabo com ele. Eu não compro
de você. Vai vender pra quem?

Noca — Dá pra nós o ponto dele, Seu Berrão. Eu
cato numa rua, o Pelado, na outra.

Maria-Vai — Ela mais o Pelado não dão conta nem do
ponto que têm. Dá pra gente, Seu
Berrão.

Noca — Puta invejosa!

Maria-Vai — Não se mete comigo!

Noca — Então não se atravessa no meu caminho.

Mariq-Vai – Quem se meteu foi tu. Ninguém te chamou na conversa.

(Entram Bichado e Poquinha, seguidos de Frido, Gá e Nhanha.)

Bichado – Ei, pessoal! Olha só o que a gente achou!

Poquinha – Cara novas!

Bichado – Catando papel, sem ordem do Seu Berrão.

Poquinha – Pegaram seis sacos.

(Ficam todos amontoados olhando Frido, Nhanha e Gá. A menina agarra-se nas saias de Nhanha, que também está meio assustada. Pausa longa.)

Giló – Foi eles que cataram nos pontos da gente.

Pelado – Por isso que a gente não catou o de sempre.

Noca – Poxa, bem que a gente desconfiou.

Tião – Os sacos deles é da gente.

Chicão – É de quem pegar.

(Todos se precipitam sobre os três novos. Frido e Nhanha tentam impedir, são derrubados, Gá grita. Reina grande confusão. Os catadores velhos pegam os sacos e disputam entre si com grande violência. Frido e Nhanha tentam recuperar os sacos, mas são repelidos. Berrão diverte-se.)

Noca – Larga essa droga!

Maria-Vai – Esse saco é meu, sua desgraçada!

Chicão – Solta daí, seu trouxa!

Giló – Agarra outro, paspalho!

Coco – Esse é meu!

Tião – Cai fora, miserável!

Frido – Por favor, gente, esses sacos são meus.

Nhanha – Larga daí, moça.

Noca – Te arranca, pantera!

Maria-Vai – Cai fora, peste. Não gosto de mulher!

Chicão – Já disse que esse saco é meu.

Frido – Eu que catei ele.

Chicão – E daí? Vai empombar comigo?

Gá – *(agarrando-se em Nhanha)* Nhanha. . .
Nhanha. . .

Nhanha – Espera, Gál! Deixa eu soltar! Deixa eu! Eles querem roubar o papel da gente!

Gá – Nhanha. . . Nhanha. . .

Nhanha – Me solta, peste! *(Empurra Gá longe.)*

Maria-Vai – Aqui ninguém rouba nada, não. Entendeu?

Nhanha – Então larga os sacos da gente, moça. Deixa a gente em paz.

Noca – Que saco teu? Tu não tem nada aqui.

Gá – *(Chora, nervosa.)* Nhanha! Gá quer Nhanha! Nhanha!

Maria-Vai – Vai cuidar da tua cria! Vai à puta que te pariu, mas te larga daqui.

Noca — Ou prefere levar umas porradas?

Gá — Nhanha! Nhanha!

Frido — Cuida da Gá, Nhanha! Cuida dela!

Nhanha — Essa gente tá roubando nós.

Frido — Deixa comigo. A Gá vai ter um ataque.
(*Nhanha não sabe o que fazer, Gá começa a ter um ataque histérico.*)

Berrão — Éta gente esganada. (*Ri.*)

Frido — Por favor, me ajuda!

Berrão — Aqui é cada um pra si.

Frido — Larga daí, seu peste!

Giló — Que é, vai roncar grosso?

Frido — Larga esse saco!

Giló — E se não largar?

Frido — Esse saco é meu!

Giló — Era. Agora é meu.

Chicão — Tu aqui não tem vez.

Tião — Pega a reta, otário. É o único jeito de livrar a tua cara.
(*Gá está no auge do ataque.*)

Nhanha — (*atendendo Gá*) Por favor, me acuda, gente. Minha Gá vai morrer. Vai morrer!

Frido — Precisa de água. Ajuda, gente! Ficam com os sacos, mas ajuda!

Berrão — Só faltava essa.
(*Todos rodeiam Gá. Coco traz uma vasilha com água.*)

Nhanha — Gá! Gá! Minha Gá! (*Berrando*) Ela morreu! Minha filha morreu!

Frido — Não morreu, não. Ela não morreu, Nhanha. É sempre assim.

Nhanha — Dessa vez morreu! Ai, meu Deus! Minha Gá! Minha Gá morreu!
(*Todos ajoelham-se e começam a rezar. Os únicos que ficam de pé são Berrão e Coco, que segura a vasilha com água. Nhanha chora, debruçada em cima de Gá.*)

Todos — Ave Maria, cheia de graça etc...
(*No meio da prece, Berrão avança até Gá.*)

Berrão — (*gritando*) Parem com essa droga!
(*Todos param de estalo. Murmúrio geral.*)

Nhanha — É minha filha. Ela está morta!

Berrão — Arreda daí, mulhier!

Frido — O que vai fazer?

Berrão — Olha pra ver. Chega aqui, Coco.
(*Arranca a vasilha de água das mãos de Coco e joga a água no rosto de Gá, que se mexe na hora. Todos murmuram.*)

Nhanha — Está viva! Está viva! Graças a Deus!
(*Todos vão se levantando, alguns se benzerem. Estão contentes.*)

Frido — Obrigado. Muito obrigado.

- Berrão** — Deixa pra lá.
- Bichado** — Boa, Seu Berrão!
- Berrão** — Eu sei das coisas.
- Tião** — Viva o Seu Berrão!
- Todos** — Viva! Viva!
- Giló** — Esse negócio merece uma cachaça!
- Coco** — Boa! Boa!
- Tião** — Estamos aí!
- Giló** — Quem vai entrar na vaquinha?
- Todos** — (*gritando, vão dando dinheiro ao Giló.*)
Tou aí! Vou nessa! Olha eu! Boa! Boa!
Vamos molhar a guela!
- Maria-Vai** — E eu que ainda tenho que ir na fábrica!
- Tião** — Vai a lugar nenhum!
- Berrão** — Te levo amanhã. Hoje já estou atrasado.
- Noca** — Fica com nós, Seu Berrão. Vai ser farra grossa.
- Berrão** — Outra vez.
- Poquinha** — Fica hoje, Seu Berrão. O senhor salvou a menina.
- Berrão** — Coisa à-toa.
- Todos** — Fica, Seu Berrão! Fica!
- Berrão** — Não dá. Se desse, ficava de gosto. Mas não dá.
- Nhanha** — Então, obrigada.
- Berrão** — (*Olha Nhanha de cima em baixo.*) Tu fica me devendo favor, mulher.
- Nhanha** — (*encabulada*) Não sei como pagar.

- Berrão** — Sei eu. Pode deixar que chega a hora.
- Frido** — Que Deus lhe pague, meu senhor.
- Berrão** — Nada de botar na conta de Deus. Se tem que pagar, paga aqui mesmo.
- Frido** — Se a gente puder lhe fazer alguma coisa, a gente faz.
- Berrão** — Vamos ver. Agora, vamos fazer os acertos dos sacos. (*Para Bichado*) Quantos tem aí?
- Bichado** — Eu mais Poquinha apanhamos três. Essa gente, seis.
- Berrão** — Os deles ficam meus. E os teus, não vou pesar hoje, não. Assim tu aprende a chegar na hora.
- Bichado** — Mas a gente está a nenhum vintém.
- Poquinha** — O que vamos comer?
- Berrão** — Tem cinco quilos aí nos três sacos. Não vou pesar. Se tiver menos, azar meu. Se tiver mais, azar do teu lado. (*Dá dinheiro para Poquinha.*) E estou dando essa colher de chá porque tu e teu homem trouxeram esses caras para cá.
- Bichado** — E o caso deles, Seu Berrão? O homem me viu catando papel e veio a mim, para saber onde eu vendia. Ele chegou hoje e já foi pondo a cara. Fazia isso na terra dele.
- Berrão** — Que tu acha?

Bichado — Sei lá!

Berrão — Ô, tu aí!

Frido — Eu, senhor?

Berrão — Tu quer ser catador de papel?

Frido — É só o que sei fazer.

Berrão — Tá danado. Que tu fazia antes?

Frido — A gente era de tratar a terra.

Berrão — Trabalhava na roça?

Frido — Capinava. Limpava as terras.

Berrão — Saiu de lá por que?

Frido — Ganhava pouco. Não dava pra nada. E a gente queria vir para a cidade grande cuidar de arranjar um doutor pra menina. Nós foi sair no Rio. Lá a gente catou papel.

Nhanha — A gente escutou o povo dizer que aqui dá mais.

Nhanha — Nós viemos. Chegamos hoje.

Berrão — *(irônico)* Aqui é só trabalhar que ficam rico.

Frido — Basta poder ajuntar algum pra levar a Gá no doutor e a gente volta pra terra da gente.

Berrão — Tu é de trabalhar?

Frido — Trabalho não me mete medo, não, senhor. Nem em Nhanha. Ela também trabalha como homem. Pode levar fé na gente.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 315
Fone: 226.0242 - CEP 90820-025

Berrão — Vamos ver. Cocol

Coco — Eu?

Berrão — Essa gente vai catar no teu ponto. Junto com tu. Vai achar ruim?

Coco — Eu, não. Pode catar. Eles precisam.

Berrão — Tu não gosta de trabalhar mesmo. Bem, o pessoal te põe dentro do macete. Pega esse dinheiro. Depois a gente desconta.

Frido — Obrigado.

Berrão — Agora ajuda a botar os sacos no caminhão.

(Todos pegam os sacos e saem acompanhados de Berrão, que não leva saco nenhum. Só ficam em cena Gá e Coco. Coco espia pra ver se o pessoal se afastou mesmo, depois aproxima-se de Gá. Coco tira a boneca do bolso e a mostra pra menina.)

Coco — Olha!

Gá — Dá pra Gá.

Coco — Tu quer a bonequinha?

Gá — Quer. Gá quer.

Coco — Mas é do Coco. *(Ri.)*

Gá — Dá pra Gá! Gá quer!

Coco — Se tu quer, eu te dou.

Gá — *(alegre)* Dá! Dá! *(Tenta pegar.)*

Coco — (*Tira a boneca.*) Não hoje. Outro dia. O Coco te dá, mas tu tem que agradar o Coco.

Gá — Dá!

Coco — Vou dar! Vou dar! Mas não vai ser hoje. O povo só foi até o caminhão. (*Olha pra ver se não vem ninguém.*) Outro dia que tu e Coco ficarem sozinhos, tu ajuda o Coco e ele te dá.

Gá — Dá pra Gá! Gá quer! Dá!

Coco — Agora não! Agora não!

Gá — Dá! Dá!

Coco — Hoje não! Hoje não dá. Eles vêm afl (*Coco afasta-se rapidamente. Entram todos os que saíram, menos Berrão e Giló.*)

Chicão — Tomara que esse desgraçado encontre um poste no caminho.

Maria-Vai — Vai ser bem feito.

Noca — O diabo que o carregue.

Bichado — Unha de fome!

Poquinha — Morfético! Nojentol

Tião — Cara ruim de doer. E a bruxa não esbarra nele.

Chicão — Nasceu de bunda pra Lua.

Pelado — Onde será que esse desgraçado arranjou esse caminhão?

Bichado — Entre as pernas da mulher dele. Aquela galinha é que arranja as molezas pra ele.

Se passa com o dono da fábrica.

Tião — Tem cara de corno manso.

Noca — Fedorento! (*Para Nhanha*) Não te fia na bondade dele, não. Ele é a peste.

Nhanha — Ele foi bom pra gente.

Maria-Vai — Não fez mais que jogar água na cara da menina.

Poquinha — Nossa reza é que valeu pra ela.

Nhanha — Estou agradecida a todos.

Poquinha — Não foi nada, não.

Maria-Vai — E a menina está melhor?

Nhanha — Agora está.

Poquinha — Ela sempre tem isso?

Nhanha — Só quando se assusta.

Noca — A gente não sabia.

Nhanha — Já passou. Agora temos que juntar dinheiro pra levar ela no doutor.

Poquinha — Doutor é atraso de vida. Só serve pra comer dinheiro.

Noca — São todos uns enganadores.

Nhanha — Mas a menina precisa. Que se há de fazer?

Maria-Vai — Podia levar no hospital do Governo. Lá é de graça. É pros pobres.

Noca — Lá é que matam a menina de uma vez. Tu não lembra quando o Berrão atirou no Zé Catinga? Levaram ele no hospital do Governo. Demoraram tanto pra tra-

tar do bruto, que ele se apagou antes. Só queriam saber quem atirou nele. Botar remédio que é bom, nada.

Maria-Vai — O melhor é mandar benzer. Tu acredita em reza?

Nhanha — Escutei dizer que é bom.

Noca — A gente conhece Dona Chica Macumbeira. Ela faz trabalho forte. A gente pode mandar ela vir rezar a menina.

Nhanha — Ela cobra caro?

Maria-Vai — Coisa pouca. Só as velas, a cachaça e a comida do Santo. Mas tira qualquer encosto.

Nhanha — Então, deixa a gente poder. A gente manda ela aí.

Noca — Isso é encosto. Só pode ser.

Chicão — E esse Giló que não vem com a pinga?

Tião — Vai ver que se chapou sozinho.

Pelado — Ele não é besta de fazer uma dessa.

Bichado — A gente foi trouxa em largar a grana na mão dele.

Frido — Se o moço falou que vem, é que vem. Às vezes demora.

Chicão — Foi bom tu abrir o bico. Vou te dar o serviço certinho desse Berrão.

Frido — Parece bom homem.

Chicão — Não vale a comida que come. É um filho-da-puta. Tu vai ver. Agora, abre o teu

olho. Não deixa ele se chegar muito pra junto da tua mulher, se não ele te desgraça.

Frido — Nhanha é mulher direita.

Chicão — E ele quer saber lá disso?

Frido — Ela é mulher de homem.

Chicão — Quem avisa amigo é. Te cuida.

Frido — Se alguém faltar com o respeito com Nhanha, eu mato.

Chicão — Todo mundo diz isso quando chega. Depois, o Berrão caga e pisa em cima.

Frido — Falei, tá falado, moço.

Chicão — Só te avisei.

(Entra Giló.)

Giló — Olha a pinga, gente!

Chicão — Demorou, peste.

Giló — Fui buscar longe.

Tião — Abre logo essa malvada.

Noca — Oi nós aqui.

Maria-Vai — Mulher também é filha de Deus.

Poquinha — Vamos encher o caco.

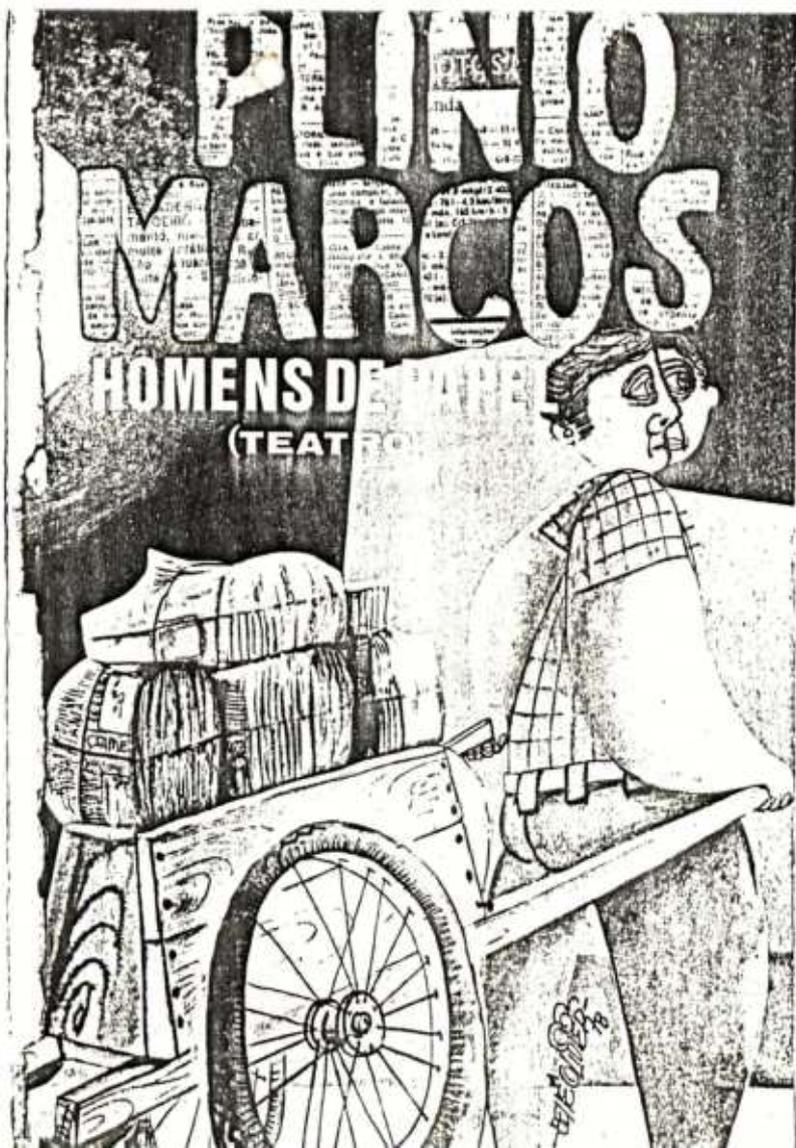
Pelado — Éta pinga boa.

Bichado — Faz roda, povo.

(Todos juntam-se. As garrafas vão passando de mão em mão. Todos bebem em silêncio, menos Nhanha, que fica com Gá. Estão todos tristes e pensativos. Ficam muito tempo em silêncio, bebendo.

Coco sai da roda e fica olhando Gá, que dorme. Tira a boneca do bolso e começa a acariciá-la.)

FIM DO PRIMEIRO ATO



SEGUNDO ATO

(Ao abrir o pano, todos estão jogados pelos cantos, dormindo. As garrafas vazias estão espalhadas pelo palco. Nhanha acorda, olha o céu, o Sol lhe fere as vistas. Nhanha sacode Frido.)

Nhanha — Acorda, Frido.

Frido — Que é?

Nhanha — O Sol já está alto. Levanta, homem.

Frido — Deixa eu dormir.

Nhanha — Acorda, Frido. *(Sacode Frido.)* Levanta, homem de Deus! Levanta!

Frido — *(sentando-se)* Hein? . . . Que é?

Nhanha — Se mexe, homem. O dia já vai longe.

Frido — Minha cabeça. . . como dói!

Nhanha — Quem mandou beber?

Frido — Não ía fazer desfeita pro pessoal logo no primeiro dia aqui. Não conheço ninguém. Eles podiam arrearpar.

Nhanha — Eu não gostei dessa gente. E tu?

Frido — Sei lá. *(Passa a mão na cabeça.)* Sei que não estou bem.

Nhanha — Molha a cara que melhora.

Teatro de Arena
Av. Borges de Melo, 834
Fone: 226-9242 • CEP 90020-025

Frido — É. Mas, onde?

Nhanha — Não sei.

Frido — Essa cabeça está uma lasqueira. Parece que vai arrebentar. Vou descansar mais um pouco. *(Deita-se.)*

Nhanha — Levanta, Frido. A gente tem que saber da vida. Precisamos arrumar dinheiro. Nós tem que cuidar de Gá. A pobrezinha tem cada vez mais esse negócio ruim. Levanta, homem! Levanta! É preciso sacudir o corpo!

Frido — Eu sei! *(Senta-se.)* Eu sei! Oh, vidal!

Nhanha — A gente não pode reclamar. Tu bebeu, não tem costume, paciência. Mas tem que dar duro. A Gá precisa de doutor; E com ela sarada, a gente volta pra nossa terra. Isso aqui é muito bom, mas não presta pra nós.

Frido — Todo lugar é igual. Ai, minha cabeça, como dói. Me dói tudo. Parece que apanhei de rabo de tatu.

Maria-Vai — *(que há algum tempo estava acordada, assistindo à cena)* Está de ressaca, parceiro? *(Ri.)*

Frido — Estou bem ruim.

Maria-Vai — Com o tempo acostuma.

Nhanha — Deus queira que não. Frido nunca foi de beber. Só bebeu ontem pra não desfei-

tear ninguém. A gente é nova aqui, alguém podia arrearar.

Maria-Vai — Um fogo nunca matou ninguém. Nós, todas as noites, enchemos a cara de cachaça. É o jeito. A vida é uma merda mesmo. Só com cachaça a gente escora.

Nhanha — A senhora é só com Seu Tião. Mas nós tem que pensar na Gá. Ela precisa de doutor. Deus me livre que Frido mais eu falte. Que vai ser dela largada nesse mundo?

Maria-Vai — Se sossega. Quem morre na véspera é peru. Nós dá jeito nela. A gente chama Dona Chica. Ela, com reza, bota essa menina boa.

Nhanha — A gente agradece. Mas também quer saber de doutor.

Frido — *(Tenta ficar em pé.)* Ai, está tudo rodando!

Maria-Vai — *(rindo)* Amarrou um fogo de gente, hein? Tá que não pode com o cadáver!

Frido — *(envergonhado)* Falta de costume. *(Senta-se.)*

Nhanha — Tem jeito, Frido. Temos que ir.

Maria-Vai — Onde quer ir a essa hora?

Nhanha — Catar papel.

Maria-Vai — *(rindo)* Genté fominha! Isso lá é hora de se virar? Nós aqui só sai à tardinha. An-

tes é besteira. Não tá vendo o povo dormindo? Só vão acordar na hora de ir.

Frido — É assim?

Nhanha — Gente mole.

Maria-Vai — Ninguém está com a ganância pega. Nós sabe das coisas. Com trabalho ninguém se ajeita nessa merda de vida. Pra que dar duro? Pro Berrão ficar mais rico? Aqui, ó! (*Faz gesto.*)

Nhanha — Mas nós não vai esperar deitado a noite chegar. Não estamos acostumado.

Maria-Vai — Que mulher mendinguenta. Descansa e deixa o teu homem descansar. Não se aguenta nas pernas. Fica aí.

Frido — Acho que a dona tem razão.

Nhanha — Tu quer passar o dia inteiro como um bicho-preguiça?

Frido — Só hoje.

Nhanha — Não me dá gosto.

Chicão — (*acordando*) Que puta falação é essa aí?

Maria-Vai — Esse povo queria catar papel desde já.

Chicão — Estão loucos, gente?

Nhanha — Nós precisamos.

Chicão — Todo mundo precisa.

Frido — Nós tem a menina.

Chicão — E daí? Vai dar jeito, um quilo a mais, um quilo a menos?

Nhanha — Um quilo hoje, outro amanhã. . .

Frido — De manhã não dá?

Chicão — Sempre dá.

Nhanha — Então a gente vai.

Chicão — Vai, o cacete!

Frido — O que o senhor quis dizer?

Chicão — Que de manhã ninguém sai catando porra nenhuma!

Frido — E pot que não?

Chicão — Porque eu não vou deixar. E pra seu governo, é bom não se escamar comigo. Sei o que faço. Se tu sai cedo, vai pegar uns dez sacos. Aí, o Berrão vai querer que a gente pegue igual a tu.

Nhanha — Mas nós precisamos. Nós tem a menina.

Chicão — Tu cala a boca. A conversa é de homem.

Frido — Escute aqui, seu moço. Nhanha é minha mulher, tem que ser respeitada.

Chicão — Vai á merda! Tu e ela. Quem chega por último, tem que respeitar o que os outros fizer.

Frido — Acho que já falou demais.

Chicão — E daí?

Frido — Não gostei.

Chicão — Coma menos.

(*Frido tenta ficar em pé, sente-se tonto, senta-se outra vez.*)

Frido — Ai, minha cabeça!

Chicão — Tá podre e ainda quer bancar o valente!

Logo comigo, raça da peste? É tudo sabujo do manda-chuva.

Nhanha — Se o Frido estivesse bom, tu fá ver. Ele não é homem de aturar desaforo.

Chicão — Papo furado. Não boto fé em cara que não sabe beber. Por isso é que teve essa filha endoidada da moléstia.

Nhanha — A coitadinha não tem culpa de ser assim.

Chicão — Disso sei eu. A culpa é desse frouxo.

Frido — Me respeita, homem!

Chicão — Vai querer?

Frido — Espera eu melhorar.

Chicão — Otário! Devia te arrebentar.

Maria-Vai — Deixa pra lá, Chicão.

Nhanha — O Frido não está bom. Quando ele sarar, o senhor fala com ele. Aí quero ver.

Chicão — Vai ver! É só avisar que está no jeito. Boto ele outra vez de molho.

Maria-Vai — Esquece essa onda, Chico.

Chicão — Tu abre o olho. Se sair catando papel antes de nós, te estrepo.

Maria-Vai — Vai, vai puxar tua palha.

Chicão — Logo agora que a gente está querendo dar um gelo no desgraçado do Berrão, esse aí vai querer furar a chapa catando mais?

Maria-Vai — Que gelo é esse que não sei?

Chicão — A gente está combinando de não catar nada uns dias. Só pra ver a cara do Berrão.

Maria-Vai — Se o Berrão sabe, come a alma de um.

Chicão — Cagueta pra ele. Foi jogada do Tião.

Maria-Vai — Como ele não me disse nada?

Chicão — Não se fia em ti.

Maria-Vai — Miserável! Ele me paga.

Chicão — Não vai dizer que eu falei.

Maria-Vai — Não sou de entregar ninguém.

Chicão — Melhor pra ti. Agora, segura esses dois, pra eles não se assanharem. Se o Berrão se engraça com eles, tira o ponto de um de nós e dá pra eles. Nosso trunfo é todos juntos. *(Deita-se.)*

Nhanha — Que pouca vergonha! Teve medo do homem?

Maria-Vai — Não liga, não. Um dia é da caça, outro do caçador.

Nhanha — Mulher de homem nunca é desfeiteada.

Frido — Não estou bom, mulher!

Nhanha — Quem mandou beber? Tá aí. Vexaram a gente.

Frido — Vai ter troco.

Nhanha — A senhora desculpa a gente. Não estamos acostumados a comer enrolado, não. Nunca ninguém falou grosso assim com nós. Nem o capataz gritava com Frido. Ele sempre foi homem de se respeitar. Só

aqui foi acontecer isso. Porque ele bebeu e não está acostumado.

Frido — Cala a boca, Nhanha! Cala a boca! Já não chega eu estar no virador? Já não chega esse peste me destrar, tu também vai botar lenha na fogueira? Então não sabe o homem que tem?

Nhanha — Eu sei. . .

Frido — Então fica calada! Tu acha que vou engolir tudo sem tujir nem mugir? Espera eu sarar. Ele engole cada um dos desaforos que me fez.

Maria-Vai — Não fica queimando a mufa à-toa. Também não foi o fim do mundo. Pior foi comigo que o cachorro do Tião não me botou dentro da presepada que vão armar pro Berrão. Ele, sim, que vai me pagar. Vem molhar a cara, homem. Só assim tu fica bom. Vem, vou te levar na bica. *(Maria pega Frido pela mão e sai com ele. Nhanha fica meio aflita, faz menção de sair. Gá acorda, chorando.)*

Gá — Nhanha. . . Nhanha. . .

Nhanha — Estou aqui, Gá.

Gá — Gá tá com fome, Nhanha.

Nhanha — Sei. *(Apanha uma trouxa de roupa.)*

Gá — Gá tem fome, Nhanha.

Nhanha — Já vai, Gá! Já vai! *(Tira da trouxa um*

pedaço de pão velho e dá pra Gá.)

Gá — Pão bom, Nhanha! *(Come com gula.)*

Nhanha — Come, Gá! Come! *(Levanta-se e olha apreensiva para o lado em que Frido saiu.)*

Gá — Nhanha! Nhanha!

Nhanha — Estou aqui, Gá. Não vou longe.
(Tião acorda.)

Tião — *(Olha em volta.)* Poxa, essa Maria já se mandou? *(Grita.)* Maria! Maria! Onde tu se meteu?

Nhanha — Ela saiu, moço.

Tião — Onde ela foi? Não disse?

Nhanha — Foi mostrar a bica para o meu Frido, que não está bom.

Tião — Galinha desgraçada! Não pode ver macho, que já quer sair pra se roçar com ele. Vadia sem-vergonha! Hoje ela me paga.

Nhanha — Mas ela foi só levar o Frido na bica.

Tião — Eu manjo essa história da bica! Mas hoje pego essa puta na porrada. Frito ela.

Nhanha — Frido é um homem direito!

Tião — Não duvido. Mas a Maria é uma vaca descarada. Me larga dormindo pra andar com outro homem. Vagabunda! *(Grita.)* Maria! Maria!

Maria-Vai — *(fora de cena)* Já vou, coisa ruim!

- Tião — Tá pondo as calças? Vem, desgraçada de uma figa!
- Maria-Vai — *(fora de cena)* Espera! Não vou fugir! *(Tião procura um pedaço de pau. Acha um que lhe serve.)*
- Tião — Hoje ela vai se rebolar!
- Nhanha — O que o senhor vai fazer?
- Tião — Vou fazer o cacete cantar.
- Nhanha — Dona Maria não fez nada de mais.
- Tião — Deixa essa cadela prá mim.
(Entram Maria-Vai e Frido, que vem com o rosto molhado.)
- Maria-Vai — Ainda está molhado. *(Levanta a saia e enxuga o rosto de Frido.)* Pronto, está aí teu homem. Tá novinho outra vez.
- Tião — Se apronta, sua vaca. Vai ganhar o teu!
- Maria-Vai — Que é que eu fiz?
- Tião — Muito engraçada! Sai com o cara e ainda pergunta?
- Maria-Vai — Só fui mostrar a bica pra ele.
- Tião — Nojenta!
- Frido — É verdade.
- Tião — Tu não se mete. É melhor pra ti. Tu fez teu trabalho de homem. Mulher deu sopa, pegou e pronto. Tá certo assim. Agora, não põe o teu nariz em briga de casal, se não engrossa pro teu lado.
- Frido — Mas não aconteceu nada.

- Tião — Vai acontecer agora. Há muito que estou pra dar uma entortada nessa galinha.
(Tião agarra Maria-Vai pelo braço e bate nela com o pau.) Toma, cadela! Toma!
- Maria-Vai — Porco! Nojento! Só faz valentia com mulher! Ai, ai, corno manso! Ai, ail
(Todos acordam e ficam assistindo à briga.)
- Tião — Vagabunda! *(Bate mais. Derruba Maria no chão.)*
- Maria-Vai — Socorro! Socorro! Ai, ai, ele me mata! Socorro, gente. Ele me mata.
- Frido — Isso não está direito! *(Faz menção de entrar na briga.)*
- Bichado — Não se mete! Isso é coisa deles. Vivem juntos porque querem.
- Poquinha — São brancos, que se entendam!
- Maria-Vai — Ai, ail *(Levanta-se e sai correndo para o lado em que está Gá.)* Socorro! Socorro! *(Gá, que já está assustada, começa a chorar e a gritar por Nhanha. Tenta levantar-se, mas Maria-Vai tropeça nela e as duas caem.)*
- Nhanha — Olha a menina aí!
- Gá — Nhanha! Nhanha!
- Maria-Vai — Me largal Me largal
(Tião continua a bater em Maria-Vai. Nhanha tenta tirar Gá da confusão. Con-

segue. Gá tenta se afastar e cai em cima de Chicão.)

Chicão — Poxa, que zorra! *(Levanta-se e empurra Gá com brutalidade.)*

Gá — Não, não! Nhanha!
(Antes que Nhanha e Frido possam fazer alguma coisa, Coco agarra Chicão e o atira longe.)

Coco — Não toca na menina! Não toca! *(Gá corre para junto de Nhanha e se abraça com ela. Todos estão olhando Coco, surpresos. Até Tião para de bater em Maria e espia.)*

Chicão — Que é, Coco? Tu acha que eu ia fazer maldade com a menina?

Coco — Se tu tocar nela, eu te mato!

Chicão — Sou teu chapa. Não faço mal pra menina, não. Logo eu?
(Coco afasta-se. Chicão fica em pé. Frido olha tudo pateticamente. Maria-Vai está jogada no chão gemendo.)

Chicão — *(para Frido)* Abre o olho com esse cara. Cuida da tua menina. Ele não é certo da cachola.

Coco — *(aproximando-se de Gá, que está chorando)* Não chora, menina. Coco não deixa

ninguém te bater. Coco não deixa. Quem quiser te maltratar, Coco mata!

Nhanha — Viu, Gá? O homem não quer que tu chore.

Coco — Quer a bonequinha? *(Ri.)* Coco te dá. Depois tu dá de novo pro Coco. *(Tira a boneca do bolso e dá prá Gá.)*

Gá — Gá quer. Gá quer.

Coco — É do Coco.

Frido — Devolve essa droga pra ele, Nhanha.

Nhanha — Deixa ela brincar.

Frido — Mandei devolver.

Coco — Deixa com ela.

Frido — Entrega essa merda pra ele, andal!

Nhanha — Cuida daquela boneca ali. Está machucada por tua culpa.

Frido — Tu quem sabe. *(Afasta-se, irritado.)*

Gá — *(ninando a boneca)* Nana! Nana! Nana!
(Coco ri, feliz, mas vidrado na menina.)

Maria-Vai — Ai, ai, meu Deus! Ai!
(Poquinha e Noca aproximam-se dela.)

Poquinha — Levanta, Maria!

Noca — Vai ficar aí jogada fora?

Maria-Vai — Ai... Ai...
(Poquinha e Noca ajudam Maria-Vai a ficar em pé.)

Maria-Vai — Ele me quebrou toda.

Noca — Isso passa.

Poquinha — Não é nada.

Maria-Vai — Não foi no teu lombo as pauladas.

Noca — Deixa de onda, Maria. Logo tu tá in-teira.

Maria-Vai — Onda? Tu vai ver o que é onda quando eu entregar esse porco nojento pro Berrão.

Tião — Vai querer dizer que eu te bati? Ele vai cagar de rir. Vai achar que foi bem feito.

Maria-Vai — Vou caguetar pro Berrão que tu anda enchendo a cabeça do pessoal contra ele.

Tião — Eu? Tu ficou louca? Acho que te deixei de moleira mole!

Maria-Vai — Pensa que eu não sei?

Tião — Tu sabe o quê?

Maria-Vai — Que tu arrumou pra ninguém catar papel só pra encher a bucha do Berrão.

Tião — Eu? Eu, não!

(Todos murmuram.)

Maria-Vai — Tu mesmo. E tá todo mundo nessa jogada. E tu é o cabeça.

Bichado — Não mete eu nisso.

Poquinha — Nem eu.

Pelado — Livra minha cara.

Giló — Vai botar a gente no fogo?

Noca — Vê lá.

Tião — Essa cadela está batusquela.

Maria-Vai — O Chicão me pôs por dentro. Tu tinha medo que eu dedasse? Agora é que dedo mesmo.

Tião — Que palhaçada é essa, Chicão? Tu que apareceu aqui com esse papo. Eu cá fora.

Chicão — Escuta, gente. Ninguém está por dentro. Só que joguei verde. Agora o jogo está aberto. Que tu diz, Pelado?

Pelado — Sei, não.

Chicão — O Tião acha que a gente tem que dar um arrocho no Berrão.

Tião — Eu, não! Tu que acha.

Chicão — O filho-da-puta anda metendo a mão na gente, sem dó. Rouba pra valer.

(Pausa)

Bichado — Continua.

Chicão — O Tião acha que se a gente não catar nada por uns dias, ele sente o aroma da perpétua e daí maneira.

Tião — Eu não acho porra nenhuma. Isso é idéia tua!

Giló — Se todos toparem, eu pago pra ver.

Chicão — Só dá certo se ninguém mijar fora do penico.

Poquinha — Quem furar a chapa ganha divisa.

Chicão — Mas aí a gente apaga o miserável.

Bichado — Sei, não.

Chicão — Tem que saber.

Giló — Eu já disse. Se todos toparem, estou aí.

Pelado — Também eu.

Noca — Vamos lá.

Bichado — Há muito que esse Berrão precisava de uma entortada.

Tião — Por isso que eu bolei o azar.

Chicão — Com o Coco não tem mosquito. Nunca cata nada mesmo.

Poquinha — Eu vou firme.

Maria-Vai — Tu me fez de palhaça, mas eu vou firme.

Todos — Viva a Maria! Viva a Maria!

Tião — *(abraçando a Maria-Vai)* Mulher legal!
(Todos empurram o casal e dão vivas.)

Poquinha — O Berrão vai se estrepar!

Noca — Vai entrar bem!

Bichado — Vai gastar gasolina à-toa!

Pelado — Não leva um saco daqui hoje.

Giló — E a pinga?

(Todos murmuram.)

Noca — Tenho algum. Dá pra cachaça.

Todos — Boa! Boa!

Chicão — O Berrão caiu do burro!

(Todos os catadores cantam e dançam.)

Todos — O Berrão não é mais aquele/Pau na bun da dele.

Chicão — Espera, gente!

(Todos murmuram.)

Giló — Que foi?

Chicão — *(Aponta Frido.)* E esse aí?

Tião — Como é? Tá com a gente?

(Pausa. Frido olha Nhanha e abaixa a cabeça.)

Maria-Vai — Como é que é? Tá com a gente?

Frido — Estou.

Todos — Boa! Legal! Viva nós! Cacete no Berrão.

Chicão — E tua mulher?

Frido — Tá comigo.

Todos — Legal! Berrão se danou! Boa!

Nhanha — Espera! *(Pausa)* Eu estou com a minha filha. Com ela que estou. Vim aqui pra ganhar dinheiro pra levar ela no doutor. E vou ganhar. Quer queiram, quer não. Foi só pra isso que vim aqui pra essa lasqueira dessa terra. Não tenho nada com a vida dos outros. Quero que cada um amargue seu giló. Mas, de mim e da Gá sei eu. Se todos aqui são uns vagabundos, eu não sou. Já perdi o dia, não vou perder a noite. Vou catar papel. Pela minha menina. Ela precisa.

(Pausa)

Noca — Fominha.

Poquinha — Morta de fome.

Maria-Vai — Unha de miséria.

Giló — Mulher machuda.

Pelado — O homem dela não manda?

Chicão — É. Não é tu o galo dessa galinha?

Tião — Se ela engrossar, faz que nem eu fiz com a Maria.

Frido — Eu cuido dela.

Chicão — A gente quer ver.

Frido — Nhanha, eu sei que a Gá precisa do doutor. Mas, se tá todo mundo querendo se juntar contra um cara que é ruim, nós está com essa gente.

Nhanha — Essa gente não presta.
(*Todos vão.*)

Frido — Tu faz o que eu mandar.

Nhanha — Eu vou catar papel. A Gá precisa de doutor.

Maria-Vai — A gente traz a Dona Chica Macumbeira.

Frido — Tá aí, pronto.

Nhanha — Tu tá afrouxando, Frido. Homem à-toa! Nós veio aqui pra ganhar dinheiro. Só pra isso. Tu se meteu com essa mulher e com a bebida, já é igual à peste. Te desconheço. Mas ainda sou mais eu. Pari essa criança e sei que não vou soltar ela no mundo. Precisa de doutor. Vou dar! E tu com essa gente pode ir à merda!
(*Pausa*)

Giló — Até de noite ela se encolhe.

Noca — Deixa ela esfriar a cuca.

Maria-Vai — A gente traz a Dona Chica rezadeira. Ela se sossega, então.

Frido — Faz o que tu quiser. (*Sai.*)

Pelado — Vamos procurar comida.

Poquinha — A hora é essa.

(*Saem Pelado, Poquinha, Noca, Bichado e Giló.*)

Chicão — Vê lá, mulher. É melhor não se botar contra a gente.

(*Chicão e Nhanha encaram-se. Depois Chicão sai.*)

Chicão — Vamos nós.

Maria-Vai — Vamos.

(*Saem Chicão, Maria-Vai e Tião. Nhanha está triste. Coco olha a menina brincar. Depois de algum tempo, Nhanha repara em Coco.*)

Nhanha — Tu não vai comer?

Coco — Não estou com fome. (*Pausa*) A menina não tem fome?

Nhanha — Ela já comeu pão. Dá pra se aguentar. Já passou pior, tá acostumada.

Coco — Tu não tem fome?

Nhanha — Não. (*Pausa*) Frido deve trazer comida pra gente. Ele nunca se esquece de nós. Ele é um bom homem. Hoje ele está

ruim. Foi beber ontem à noite, não tem costume, deu o que deu. *(Pausa)* Mas, o Frido é um homem de trabalho. Sempre deu duro. É que a sorte não caiu pra gente. Tivemos a menina assim. Não tem culpa, coitadinha. Mas, atrapalha. A gente já podia ter se ajeitado na vida.

Gá — Nana, nana, nana. . .
(Coco ri.)

Nhanha — Pobre Gá. Nós tem que juntar dinheiro logo pra te levar no doutor. Assim que tu sarar, nós volta pra nossa terra. Lá é que é nosso lugar. Bem que o povo fala: Cada macaco no seu galho. Lá que a gente estava bem. Mas lá não tem doutor. A gente teve que vir. *(Coco, sem ligar para o que Nhanha fala, contempla, com desejo estampado no rosto, a menina ninar a boneca.)*

Nhanha — Eu só tenho medo que o Frido fique igual aos homens daqui. Que ele fique homem à-toa. A gente tem que cuidar da Gá. Se a gente faltar, que há de ser dela? Nem é bom pensar em desgraça. Valha-me Deus, nosso Senhor! *(Benze-se.)*
(Nhanha para de falar, cai em si. Olha pra Coco, que está fixo em Gá. Nhanha fica apreensiva.)

Nhanha — Agora chega, Gá. Já brincou. Dá a boneca pro homem.

Gá — Não! É da Gál

Nhanha — Dá a bonecal

Coco — *(rindo)* É do Coco.

(Nhanha tira a boneca de Gá e dá pra Coco, que se afasta.)

Gá — Quer! Gá quer!

Coco — Depois tem mais. *(Afasta-se.)*

Gá — Quer! Gá quer! *(Chora.)* Gá quer!

Nhanha — Para de chorar, Gál Não adianta abrir o berreiro. Não é da gente. Tem que se aguentar.

Gá — Gá quer!

Nhanha — Não resmungal

(Gá fica emburrada e Nhanha pensativa. Entram Chicão, Noca, Poquinho, Giló e Bichado.)

Chicão — Já se decidiu a topa a parada com a gente?

Nhanha — Sei de mim. Alguém viu o Frido por aí?

Giló — Tá num pau só, lá no botequim. Ele mais o Tião e a Maria. Estão enchendo o caco.

Nhanha — O Frido também?

Giló — Todos os três.

Nhanha — Valha-me Deus! O que será que deu no meu Frido pra ele se desgarrar a beber?

- Noca** — Nada. Só que hoje não vai sair ninguém catando papel. Então, bota pra beber.
- Nhanha** — Nós vamos. O Frido sabe que nós temos precisão de dinheiro.
- Pelado** — Mas sabe também que com a gente não vale a pena bancar o marrudo.
- Bichado** — Com a gente é nessa toada. Quem quiser sair catando papel, sai. Ninguém vai atrapalhar. Só que tem um porém. . . Quando voltar, a gente toca fogo nos sacos. *(Todos riem.)*
- Poquinha** — E se duvidar, a gente toca fogo na roupa da trouxa também. É só ela bancar a boca-dura.
- Pelado** — Quando a gente cisma, é dureza. Nós derruba qualquer um. Tu vai ver o Berrão. Vive aprontando as dele. Todo mundo deixou andar. Um dia a gente se invocou. Esse dia foi hoje. Armamos a cama pra ele se deitar. Depois de hoje, ele se manca e fica manso como um bugio velho. Aquele canhão que ele traz na barbigueira não vai lhe valer, não. Ninguém vai brigar, nem nada. Só que não se cata papel. Manda o palhaço dar tiro, gritar, espernear. Vai se estrear. Vai dar tiro na vaca que o pariu. Que aqui a gente se lasca, mas não cata papel pra ele.

- Giló** — Só quando ele falar direito com a gente.
- Chicão** — E arrumar uma balança sem truques pra pesar os sacos.
- Bichado** — Os dias de machão daquele desgraçado acabaram. E não vai ser ninguém a dar colher de chá pro miserável. Entendeu? Ninguém!
- Poquinha** — Muito menos essa vadia aí.
- Giló** — Muito tempo a gente deu o lombo pras porradas dele. Agora é a hora da virada.
- Chicão** — O que ele fez não se faz nem com um cachorro cheio de sarna.
- Giló** — Roubava a gente de dar gosto.
- Chicão** — E não era nada, perto do que ele aprontava com o Bichado, o Tião e o Pelado. Cada dia arrastava a mulher de um.
- Noca** — Eu, não.
- Poquinha** — Eu, não!
- Chicão** — Todas. E daí? O Berrão era a lei. A gente se afinando, ele se servia.
- Pelado** — E em tu, então! O sarro dele era bater na tua cara. Qualquer coisinha te descia o braço.
- Bichado** — E tu não encarava.
- Giló** — E alguém podia com a peste?
- Chicão** — Era um salve-se-quem-puder de dar nojo. Um com olho mais comprido que os ou-

tros nos pontos bons. Um fazendo chavecada pro outro a toda hora.

Giló — Isso quebrava a força.

Noca — Mas agora estamos aí!

Poquinha — Todos contra o fedorento do Berrão.

Noca — E quem não estiver com a gente entra bem.

Chicão — Vai ser aquela parada.

Giló — De dar gosto.

Pelado — Assim que tem que ser.

Bichado — Com cara homem, não se folga. Vamos mostrar.

Noca — Se essa aí quiser catar papel, se dana toda.

Poquinha — Como é, vai querer sair catando?

(Pausa)

Nhanha — Já disse que a gente precisa. Eu e o Frido vamos sair. Nós não é contra ninguém. Só que tem que olhar pela menina.

Noca — O Frido não vai.

Nhanha — Vai, moça. Ele sabe que deve ir.

Noca — Ele falou que não ia.

Nhanha — Conheço bem meu Frido. Ele não vai esquecer a filha.

Noca — Só sei que ele disse que tá com a gente.

Nhanha — Tá com a gente dele, que sou eu mais a menina.

Noca — Mulher marruda, essa! Se o Frido disse

que não vai, pronto. Tu fica com ele, que dá certo pra tu também.

Nhanha — Frido nunca ía dizer isso.

Noca — Quer me chamar de mentirosa?

Nhanha — Não quero nada. Só quero cuidar da minha vida.

Noca — Então retira o que disse.

Nhanhá — O que eu disse?

Noca — Me chamou de mentirosa.

Nhanha — Só falei que eu e o Frido vamos sair pra catar papel.

Noca — Vão a parte nenhuma. E tu dobra a língua quando falar comigo.

Nhanha — Me deixa em paz, gente.

Noca — Quem mandou se meter?

Chicão — Agora aguenta.

Poquinha — A Noca é dureza.

Bichado — Briga de mulher é um sarro.

Giló — Vai engolir desaforo, Noca?

Noca — (Empurra Nhanha.) Como é? Vai retirar o que disse ou não?

(Todos murmuram.)

Nhanha — Por favor, moça. Não falei nada de mais. Se falei foi sem querer ofender. Me desculpe, pronto. Agora deixa eu.

Noca — Deixa uma porra. Tá com medo, por isso quer afinar. Mas, não vou deixar barato, não! Vou te ensinar a me dar respeito.

(Empurra Nhanha com mais força.)

Nhanha — É pela menina que estou pedindo. Deixa eu em paz.

Noca — Cadela afinada! Vou te comer de tapa.
(Dá um tapa na cara de Nhanha.)

Nhanha — Peste! Peste da moléstia!
(Todos murmuram.)

Noca — Quer mais?

(Nhanha atira-se sobre Noca e as duas rodam pelo chão em luta desesperada. Gá começa a gritar e tem o ataque outra vez. Ninguém liga. Todos incentivam a briga feroz de Nhanha e Noca.)

Todos — Dá nela, Noca! Agarra o cabelo da otária! Aperta as tetas dela, Noca!
(Todos riem muito. Gá debate-se e geme. Coco tenta socorrer Gá. Entram Frido, Tião e Maria-Vai. Estão meio bêbedos.)

Tião — Que zoeira é essa?

Chicão — Tá legal!

Giló — A mulher do Frido com a Noca.

Bichado — Tua mulher briga direito.

Pelado — Tá enfrentando a Noca de verdade!

Frido — Olha a menina, gente! Olha a menina!
(Todos olham Gá.)

Frido — Acode a Gá, Nhanha! Tá ruim!

Nhanha — Me larga! Me larga, cadela!

(Nhanha, tomada de fúria, atira Noca longe com grande violência.)

Nhanha — Deixa eu cuidar da menina. *(Empurra todos.)* É minha filha, eu cuido dela.
(Todos afastam-se um pouco, menos Frido.)

Nhanha — Sai tu também, bêbado nojentão!

Frido — Ela é minha filha também.

Nhanha — Devia ter vergonha nessa cara. Nós largada aqui sem comer e tu bebendo com esses vagabundos. Arreda daqui, anda! Tu, Coco, me traz água.

(Nhanha faz massagens no rosto de Gá.)

Nhanha — Filha! Gá! É a Nhanha, Gá!

Coco — Olha a água.

(Nhanha esfrega a mão molhada no rosto da menina.)

Nhanha — Gá! Gá! Sou eu, Nhanha.

(Gá vai se recuperando.)

Gá — *(gemendo)* Ai, ai... Nhanha...

Nhanha — Estou aqui.

Coco — *(rindo)* Ela não morreu.

Nhanha — Graças a Deus!

Gá — Ai, ai... Nhanha...

Nhanha — Encosta ela aqui, Coco. Aqui.

(Coco ajuda a encostar Gá em um caixote.)

Nhanha — Ela já está bem.

Coco — Quer a bonequinha?

Nhanha — Dá pra ela, Coco.

Coco — Só por um pouco. Depois ela devolve.

Nhanha — Por favor, depois ela devolve.

(Coco dá a boneca pra Gá.)

Gá — (rindo, feliz) É da Gá.

Frido — Ela está boa de novo.

Nhanha — Graças à Deus! (Vira-se para todos. Está furiosa.) Escutem bem, seus filhos-da-puta!

Chicão — Está falando comigo também?

Nhanha — (Agarra um pau.) Estou falando com todos! Entendeu? Com todos. Cada um cuida da sua vida e deixa eu mais minha filha em paz. Não quero saber de ninguém. Se todos aqui são uns vagabundos, uns frouxos, uns miseráveis sem porquê, quero que se danem. Eu sei de mim e da minha menina. Se não querem trabalhar, é coisa de cada um. Eu preciso de dinheiro. Eu vou trabalhar! Quer queiram, quer não. Entenderam?

(Pausa)

Giló — (para Frido) Tua mulher é paraíba?

Maria-Vai — Ela que manda na tua vontade?

Chicão — A greluda te dobra fácil.

Poquinha — Ela calou o bico de todo mundo.

Pelado — Como é, Frido? Fica assim mesmo?

Tião — Tu falou que fazia ela ficar com a gente.

(Pausa)

Frido — Escuta, Nhanha. . .

Nhanha — Me deixa, tu também!

(Pausa)

Frido — Eles me falaram do tal Berrão. Ele roubava e desfeiteava todo mundo. O homem está mesmo precisando aprender. Não custa nada a gente perder um dia mais uma noite, pra mostrar pra ele que aqui todo mundo é gente. Nós fica com todos! (Pausa) Então, Nhanha?

Nhanha — Tu virou molenga! Fica, se quer. Eu fico com a minha filha. Foi pra isso que vim.

Maria-Vai — Mas a gente sabe. É só por hoje. Pra gente pegar esse merda do Berrão pelo pé. Ele vive tirando o ranço no lombo da gente. Precisa aprender.

Chicão — Todo mundo tem bronca dele. É sinal que não presta.

Poquinha — Ele sempre rouba a gente. Se tu não fica com nós, ele te rouba também. E não vai te valer espernear.

Maria-Vai — E se tu pensa que na cama tu ajeta a diferença, está engrupida. O sujeito é um cão. Com ele não tem arrego.

Giló — Se ele te rouba, rouba tua filha.

Chicão — Isso! Ele vai roubar a tua filha.

Bichado — E agora, que tu diz?

(Pausa)

Maria-Vai — Perdeu a língua?

Tião — Aí é que tá o nó! Se ele mete a mão na tua grana, tua filha se estrepa. E tu vai reclamar sozinha? (Pausa) Quero ver tu sair dessa. Vai ficar calada? É, tu sabe o que a gente queria dizer.

Nhanha — Se alguém me roubar e roubar a Gá, eu juro por essa luz que me alumia, eu mato o desgraçado filho-da-puta. E quando digo que mato, é que mato mesmo. (Pausa) Assim é que tem que ser. Se um cabra sem jeito aporrinha a vida da gente, não adianta ficar cozinhando o galo, não. Porque ele vai ser sempre sacana. O negócio é aqui, no pau. Acabar com o cara pra sempre. Conversa de parar pra ver a vida passar é pra cara de vida à-toa. Cara de cabeça fresca. Os que têm a peste pra atormentar sabem que papo não serve pra nada. Diferença se tira é de pau. (Pausa) Se alguém entrava a vida da Gá, eu mato. Tã jurado pra todos. (Pausa) Mas eu não paro de trabalhar. (Nhanha olha bem de frente para todos. O pessoal abaixa a cabeça, para não encarar Nhanha. Depois de algum tempo,

Nhanha vai até Gá, que dorme abraçada à boneca. Examina a menina, depois, com cuidado, retira a boneca e dá para Coco.)

Nhanha — Pega a tua boneca. Obrigada. Não vou esquecer. Agora, deixa ela sossegada. Está dormindo. Ela tem sono de pedra. Só vai acordar com dia alto. Vamos catar papel.

Coco — Ela fica sozinha?

Nhanha — Fica. Não tem perigo, ela não acorda. Vamos, Frido! A gente tem precisão. (Frido olha para todos com quem se justifica. Como ninguém diz nada, dá de ombros, apanha o saco vazio e sai junto com Nhanha. Passam na frente de todos, sem ninguém fazer um gesto para detê-los. Coco os segue mais devagar, sempre olhando para a menina, como se tivesse pena de deixá-la ali sozinha. Depois que os três saem, reina grande silêncio. Um não tem coragem de olhar para o outro.)

Chicão — Eles foram catar.

Giló — Pois é.

(Pausa)

Noca — Ninguém diz nada?

Poquinha — Dizer o quê?

Tião — Deixa ir.

(Pausa)

Chicão — Mas não estava acertado de não ir ninguém?

Pelado — Pra tu ver.

(Pausa)

Maria-Vai — (*suspirando*) Quer saber? Aqui ninguém é de nada.

Bichado — Agora tu disse tudo.

Pelado — A gente é froxo mesmo. Sempre fomos. Sorte do Berrão.

(Pausa)

Bichado — Eu acho que a gente devia ir também.

Chicão — É melhor a gente deixar pra outra vez a chavecada.

Pelado — Se os três foram, a jogada está furada.

Giló — Azar.

(Pausa)

Bichado — Então, vamos.

(*Todos saem. Apenas Gá fica em cena. Dorme tranquilamente. Coco entra furtivamente. Olha para todos os lados, para ver se ninguém o segue e, com todo cuidado, aproxima-se de Gá.*)

Coco — (*baixinho*) Gál! Gál! Ei, meninal

(*Coco sacode a menina várias vezes.*)

Gá — (*acordando*) Hum... Nhanha... Nhanha...

Coco — Nhanha não está. Saiu.

Gá — (*Senta-se assustada.*) Nhanha!

Coco — Foi catar papel.

Gá — (*chorando*) Gá quer Nhanha. Nhanha!

Coco — Eu estou aqui. Olha eu aqui.

Gá — (*gritando*) Gá quer Nhanha. Nhanha!

Coco — Psiul Não grita! Não grita!

Gá — (*com medo*) Gá quer Nhanha!

Coco — Não adianta gritar que ela não vem.

(*Gá começa a chorar.*)

Coco — (*Tapa a boca da menina.*) Para esse berreiro! Menina bonita não chora. (*Pausa. Coco presta atenção pra ver se alguém se aproxima, logo se tranquiliza.*) Tu não precisa ter medo do Coco. Tu quer brincar com a bonequinha? Então para de chorar. Se tu parar, Coco te dá a boneca. Quer? (*Coco solta Gá, que soluça.*) Quer a bonequinha?

Gá — Gá quer a Nhanha.

Coco — Ela não vem mais. Nhanha deu Gá pro Coco. (*Ri.*) Agora a Gá é do Coco.

Gá — Nhanha? A Nhanha?

Coco — Foi embora.

Gá — (*Chora.*) Nhanha! Nhanha!

Coco — (*Outra vez tapa a boca de Gá.*) Quietal! Coco só estava fazendo onda. Nhanha volta logo. Ela foi catar papel. (*Tira a boneca do bolso.*) Tu quer? (*Solta a Gá.*)

Gá — Gá quer Nhanha.

Coco — Já falei que ela vem logo. Não precisa ficar aporrinhada. Ela já vem. O Coco toma conta da Gá até Nhanha voltar. Quer a bonequinha?

Gá — Quer! Gá quer! (*Vai pegar.*)

Coco — (*Retira a boneca e ri.*) Ainda não. Tu tem que agradar o Coco primeiro. (*Ri.*) Agrada o Coco. Anda, agrada. (*A menina está meio emburrada. Coco segura a mão dela e passa no próprio rosto.*)

Coco — Assim. Faz sozinha. Faz, que o Coco te dá a bonequinha. (*Gá agrada Coco, que ri nervoso.*)

Gá — Agora dá pra Gá.

Coco — Quero mais.
(*Gá agrada mais Coco, que ri.*)

Coco — Agora aqui. (*Desabotoa a camisa, pega a mão de Gá e a esfrega no peito.*) Assim. Assim. Faz sozinha. Faz, Gá. Coco faz também na Gá. Coco faz.
(*Coco bolina Gá, que ri, com cócegas. Coco está bem excitado. Levanta-se, pega Gá pelo braço. Ouve-se um barulho qualquer. Coco fica apreensivo. Olha para todos os lados. Certifica-se de que*

não há ninguém por perto. Volta até Gá, abraça a menina, que grita.)

Gá — Nhanha! Nhanha!

Coco — Não grita, Gá. Fica quieta.

(*Coco afasta-se da menina e aproxima-se de uma pilha de caixotes. Está bem nervoso, e a menina, meio indiferente ao que está se passando.*)

Coco — Vem buscar a boneca. Vem, Gá. Coco te dá a bonequinha pra sempre. Vem, Gá. Vem aqui atrás. (*Coco entra atrás dos caixotes.*)

Gá — Tem bicho aí.

Coco — Vem, não tem, não. Vem buscar a bonequinha. Vem! Coco te dá.

Gá — Gá tem medo do bicho.

Coco — Coco mata o bicho. Pode vir. Coco não deixa o bicho pegar Gá.

Gá — Gá não gosta do bicho.

Coco — Vou matar o bicho. Olha! Vem ver! (*Coco sai de trás dos caixotes com um pau e dá pauladas no ar, como se matasse o bicho.*) Morre, bicho! Morre! Morre! Gá tem medo do bicho. Morre! Morre! (*Gá ri, com muita inocência, dos gestos de Coco.*)

Coco — Pronto, matei o bicho. Agora, vem.

Gá — (*rindo, ainda*) Tem outro bicho lá.

Maria Vai — A menina está morta?

Giló — O filho-da-puta é que matou.

Chicão — Cachorro da peste.

Tião — Puta merda, que coisa da moléstia.

Poquinha — A mãe vai se azucrinar toda.

Pelado — Vamos agarrar esse puto.

(Coco, sem expressão, olha a menina. Está com a faca na mão.)

Maria Vai — Está de facal

Tião — É fogo!

Poquinha — Vamos esperar os outros.

Pelado — A mãe é que diz o que fazer.

Todos — É isso. Melhor esperar. A gente fica nas encolhas. O cara tá batusquela. É perigoso.

(Todos ficam espiando Coco ao lado da menina. Entram Noca, Bichado, Frido e Nhanha.)

Nhanha — Que foi? Que foi, gente? Ai, meu Deus, que foi? Gá! Minha Gá! *(Nhanha atira-se sobre Gá e chora convulsamente.)* Gál Está morta! Está morta! Minha criança! Minha filhinha!

Frido — Pobre menina.

Giló — Aquele ali que matou. Queria se tratar com ela.

Frido — Ele? Filho-da-puta! *(Avança sobre Coco.)* Tu matou ela, desgraçado? Tu matou ela?

Coco — *(Levanta-se com a faca na mão. Está histérico.)* Eu não matei. *(Avança para Frido, com a faca. Frido vai se afastando.)* Eu não matei. Eu queria ela pra mim. Eu queria ela pra mim.

Nhanha — *(que chorava sobre o corpo de Gá, para de chorar e olha fixo para Coco.)* Tu é um cão!

Coco — *(para Nhanha)* Eu não matei. Eu queria ela pra mim. Eu não matei.

Nhanha — *(em pé)* Tu vai se acabar, maldito! *(Anda lentamente para Coco.)*

Coco — Não chega perto que eu te furo! Eu te furo!

Nhanha — *(Vira-se de costas para Coco e grita histérica para todos.)* Ele é coisa da peste! Tem que morrer! Tem que morrer! Ele é coisa ruim! Tem que se acabar, gente! Tem que se acabar! Pega ele, gente! Mata! Mata! Mata!

(Todos atiram-se sobre Coco e o derrubam no chão, massacrando-o, enquanto Nhanha grita: "Mata! Mata!" Nhanha está de costas para eles. Aos poucos, as pessoas, sempre em silêncio, afastam-se de Coco. Frido vem até Nhanha, que chora baixinho.)

Frido — Ele está acabado, Nhanha.

Nhanha — Que Deus tenha dó de sua alma. (*Ajoelha-se perto de Gá e fica chorando. Todos espiam de longe, com respeito. Entra Berrão.*)

Berrão — Que houve aqui?

Chicão — Tem dois que se acabaram.

Berrão — Puta merda! Agora vai dar bochicho! Quem se apagou?

Tião — Coco matou a menina.

Maria-Vai — Nós matou o Coco.

Pelado — Foi bem feito o que a gente fez. Foi todo mundo junto pra cima dele. Demos de verdade. Acabou rápido e rasteiro como o filho-de-uma-vaca que ele era.

Poquinha — Fizemos bem.

Berrão — Fizeram bem, o cacete! Isso vai dar truta. Vai baixar cana. Vai dar um rolo danado.

Chicão — Deixa dar.

Berrão — Deixa dar o quê?

Chicão — Deixa a cana baixar.

Berrão — Pra vagabundo, tanto faz estar preso ou solto, né?

Chicão — É. E daí?

Berrão — E daí que não quero nem saber. Não tenho nada com isso.

Chicão — Todo mundo tem que estar nessa jogada. Todo mundo, manjou? Até tu!

Berrão — O que tu tá querendo dizer?

Chicão — Estou querendo dizer que ninguém, nem tu, vai cair fora dessa.

Pelado — Isso que é. O Coco quis se servir da menina. Isso deu nojo na gente. Nós fizemos ele. Agora a gente tem que livrar a cara.

Poquinha — A justa ainda não foi chamada.

Noca — Só a gente é que sabe.

Tião — A gente, mais tu.

(*Pausa*)

Berrão — Porra! Ninguém aqui tem cabeça fria? Podiam deixar o Coco pra lá. Não precisavam ter matado ele. Da menina a gente se livrava fácil. Era só dizer que ela teve um ataque e pronto. Agora, esse merda é espeto. Filho-da-puta de quem teve a idéia de apagar o miserável.

Chicão — Tu não se mancou que a gente sentiu nojo do que ele fez? Não se mancou? Foi todo mundo junto que quis pegar o tarrado. Ele estava ali parado, de ferro na mão. Se não tivesse todo mundo picado de raiva, ninguém ia ter peito de entrar nele. Não precisou falar duas vezes. Ninguém deu pra trás. Foi mole jogar o canalha no chão com faca e tudo. Pena que ele se apagou depressa. Nós devíamos era

ir matando ele devagar. Pegar um pau e espetar no rabo dele até ele cagar sangue. Ou capar o porco com a própria faca e deixar ele aí pra te contar como foi. Ele não prestava. Tinha que se estrepar. Só que devagar. Bem devagar. Pra sentir o aroma da perpétua.

(Pausa)

Berrão — Bem, o que está feito, está feito. Não adianta chorar. Agora, é tratar de se mandar daqui. Quanto antes, melhor. Vamos fazer o ponto lá embaixo da ponte. Não se vem mais aqui. A gente esconde o resto do Coco aí atrás dos caixotes e a menina a gente leva. Amanhã eu chamo a polícia, digo que ela teve um ataque e morreu. O Coco, só quando começar a feder e os urubus começarem a baixar aqui, é que o pessoal vai se tocar que tem gente morta. Aí, é tarde. Fica assim mesmo. Ele não tem importância nenhuma. Morreu, morreu. Um a menos pra encher os bagulhos da gente. Botem os sacos no caminhão. Temos que cair fora. *(Ninguém se mexe.)* Estão surdos?

Chicão — Não vai pesar?

Berrão — Acha que eu vou ficar aqui a vida intei-

ra? Quero me arrancar o mais depressa possível.

Tião — Mas a gente precisa da grana.

Berrão — Estou estranhando o papo aqui hoje. Que é que há? Tá todo mundo roncando grosso.

Chicão — É assim que é! A gente hoje aprendeu um troço pra toda a vida. Que coisa ruim acaba se a gente quiser. E se a gente quer, não tem por onde. O Coco está aí pra não me deixar mentir. Se tu não quer pesar os sacos, não pesa. Tua cabeça é teu guia. Mas, tem um porém. Não leva porra nenhuma daqui.

Berrão — Quero dar uma colher de chá e todos ficam assanhados. Tá combinado. Não leve os sacos. E daí? Que tu faz com eles?

Chicão — Toco fogo neles.

Berrão — E ganha muito com isso?

Chicão — Mas tu te estrepa.

Berrão — Só porque tu quer. Olha pra isso, otário! *(Pega dinheiro do bolso.)* Tá vendo? Isso me escora. E tu vai passar fome.

Chicão — Pode ser. Mas ninguém vai me levar no bico.

Berrão — Não vão botar os sacos no caminhão? *(Ninguém se mexe.)* Como é?

Frido — Seu Berrão, eu preciso de dinheiro pra

enterrar minha criança. Por favor, pese os meus.

Berrão — Que enterrar, que nada. Amanhã se dá jeito nela. Para isso tem Governo. Pra enterrar de graça os que estão na lona. *(Nhanha, que reza ao lado da filha, volta-se para Berrão.)*

Nhanha — Seu Berrão, essa menina teve uma vida de cão, mas vai ter morte de gente. Estou lhe falando. O papel está aí. Foi catado por seu mando.

Berrão — E vai ficar aí. E o dinheiro aqui. *(Mostra os bolsos.)*

Nhanha — Nós precisa de dinheiro, Seu Berrão. Não é por nós, é pela menina!

Berrão — Já se danou mesmo. Pra que gastar dinheiro à-toa com ela?

Nhanha — Isso é coisa nossa. O senhor mandou catar papel. Nós catou. Agora tem que comprar.

Berrão — Eu compro o que eu quero. E tem mais uma coisa. O que eu ía pagar não dava pra enterrar ninguém.

Giló — Juntando a grana de todos, dava.

Berrão — Tu cala a sua boca. Ninguém te chamou na conversa.

Giló — Eu falo quando quero.

Berrão — Então fala. Bota a boca no trombone

que eu também boto. Já estou dando uma colher de chá de me fechar em copas. Mas, se começam a se assanhar, chamo a cana e dedo todos vocês. Eles apanham um por um e eu apanho os sacos de graça.

Poquinha — Isso é sacanagem.

Berrão — Mas é uma boa pedida. *(Vai sair.)* Vou mostrar como se lida com vagabundos. *(Nhanha entra na frente de Berrão.)*

Nhanha — É melhor o senhor dá o dinheiro do enterro. Esse gosto o senhor não tira da Gá.

Berrão — *(Puxa o revólver.)* Sabe o que é isso?

Nhanha — Bela merda!

(Todos rodeiam o Berrão.)

Berrão — Que é que há? Eu mando um pra glória.

Nhanha — A gente sabe que se tu tiver coragem, tu desgraça um. Mas a gente é uma porrada. Quem ficar te pega.

Berrão — Não está vendo o revólver na minha mão? Então, que papo é esse? Eu estouro um. Estouro o primeiro que vier, estou avisando. Quem avisa amigo é. Eu queimo um. Eu queimo. Mas, não dou um putto de um tostão pra sacana nenhum.

Nhanha — *(Mostra o peito.)* Então queima! Atira

aquil Atira! Falta peito? Tu não tem coragem? Atira! Atira, seu porco!

Berrão — Tu tá louca, mulher!

Nhanha — Tu é que está louco de medo. Atira! Tem medo, seu putto? Então dá o dinheiro! *(Pausa)* Anda, dá a grana, ou atira! Atira! Tu me mata. E daí? Estou cagando um monte desse tamanho pra morrer. Já morri um cacetão de vezes, tá bom? Morri de fome, morri de frio, morri de medo, morri de ver a minha cria morrer. E agora chegou a tua vez. Atira! Atira! Anda, atira! Mas, tu não escapa. Gasta a tua verdade aqui no meu peito. Andá! Daí, eles te pegam e te azaram. Esta é a hora de acertar as contas. Quem tiver se danado mais está com a razão. E não vai ter canhão pra mudar o resultado. Anda, atira! Atira! *(Nhanha anda lentamente, avançando sobre Berrão, que está apavorado.)*

Maria-Vai — *(aconselhando)* É melhor tu dar a grana pra ela.

Berrão — É. . . É. . . vou ajudar tu enterrar a criança. Vou ajudar. Afinal, é só isso que tu quer, não é?

Nhanha — É.

(Berrão pega todo o dinheiro e dá pra Nhanha.)

Berrão — Pronto. Já tem o que queria.

(Nhanha fica parada na frente de Berrão. Olha com desconfiança para o dinheiro.)

Berrão, percebendo que já domina a situação novamente, fala agora com autoridade para Nhanha, comprando-a definitivamente.)

Berrão — Então mulher? Não tá contente? Não tem tua grana? Então? Vai cuidar da tua cria morta, antes que os urubus dêem conta dela. *(Nhanha continua parada.)* Vai, mulher, vai! Vai! Toda essa gente tá chateada com essa coisa toda. Eu também, claro. Pombas! Quem não se queima com um troço, escamoso desses? *(Passa a mão no ombro de Nhanha.)* Todo mundo ficou perturbado. Tu gritou. Todo mundo gritou. Eu também gritei. Essa onda me deixou zoeira. Mas, pombas! A vida continua. Um morre, mas a gente tá aí mesmo. Quem fica tem que tocar o barco pra frente. Não foi o fim do mundo, não é? Vai lá, mulher! Vai cuidar da tua cria. Ela merece.

Nhanha — *(bem triste)* É. É.

Berrão — Então vai logo, mulher!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 333
Fone: 226.0242 - CEP 90020-02

(Nhanha olha para todos, como se pedisse desculpas.)

Nhanha — Gá vai ter enterro de gente.

(Nhanha, sempre triste, abatida, afasta-se de Berrão e se ajoelha ao lado de Gá, começando a rezar. Frido a acompanha. Os catadores, meio embaraçados, entreolham-se e vão lentamente se colocando entre Berrão e Nhanha. Estão juntos, formando um bloco. Chicão, que está na frente, volta-se para os outros.)

Chicão — E nós? Como é que fica?

(Todos os catadores começam a falar ao mesmo tempo, incitando-se uns aos outros para tomar a iniciativa e agarrar o Berrão. No auge do vozerio, Tião dá um empurrão em Chicão, que cai na frente de Berrão. Berrão dá-lhe um pontapé e o atira longe. Os outros tentam avançar, mas Berrão dá um tiro para o ar. Todos param de falar e, apavorados, recuam.)

Berrão — Peguem os sacos e botem no caminhão!

(Um a um, lentamente, os catadores vão pegando os sacos e saindo. Reza de Nhanha cresce, misturando-se com ruídos de grande cidade que vão entrando, enquanto o pano fecha lentamente.)

FIM